

TOMAZ POMPEU (*)

R. FARIAS BRITO

Se há entre nós homens que verdadeiramente mereçam a veneração dos contemporâneos por atos de abnegação e patriotismo, por constantes esforços em bem da coletividade, e mais particularmente por sua decidida vocação pelas letras e perseverante aplicação ao desenvolvimento da ciência, entre estes ocupa, por certo, o Dr. Thomaz Pompeu, lugar eminente.

Com efeito, é êle dos poucos que em nosso País abraçam o círculo todo inteiro dos conhecimentos humanos, podendo-se dizer, não só que é um espírito viajado por todos os ramos do saber, mas precisamente que tem os melhores elementos para constituir o exemplo raríssimo de uma ilustração enciclopédica. É um trabalhador infatigável, uma cerebração vigorosa, uma das nossas inteligências mais fecundas, se bem que seja muito menos conhecido do que tantos outros em torno dos quais faz grande ruído a opinião pública nacional. É verdadeiramente o continuador da obra começada por seu pai, o ilustre senador Pompeu; mas este era apenas uma glória cearense, quando o filho é já uma glória brasileira, devendo ocupar um lugar de honra na galeria dos pensadores nacionais.

Não obstante, é pouco conhecido, tanto assim que é menos conhecido talvez como homem de ciência, do que como político, quando é certo, aliás, que a política já não tem para êle seduções. Mas isto é o que se explica mui naturalmente: 1.º porque concentrado e modesto, o Dr. Thomaz Pompeu gosta

(*) Trabalho publicado pela primeira vez na "Revista da Academia Cearense" em 1896, da autoria da filosofo FARIAS BRITO.

pouco de aparecer, como, ao que parece, gosta pouco de ouvir falar em seu nome; 2.º porque não escreve no gênero de literatura preferido do público, coloca-se a uma certa altura inacessível ao vulgo, predomina em seu estilo a concisão matemática, abundam em suas exposições os quadros estatísticos. Também Thomaz Pompeu não se honraria com a glória de simples escritor popular. Dotado de estilo másculo e vibrante, poderia, se quizesse, representar papel saliente no romance ou na propaganda das idéias ordinárias da época. Mas vê-se perfeitamente que êle visa outro alvo: não tem por fim o êxito puramente literário; preocupa-se com os interesses reais da sociedade; não escreve para jornalistas e críticos, mas precisamente para engenheiros, médicos, para estadistas e advogados.

— (o) —

Como prova do que aí fica dito, passo a fazer uma rápida exposição dos seus principais trabalhos, segundo a ordem da produção. Limitar-me-ei a citar suas obras sem fazer comentário algum. Não obstante, com isto acredito prestar um serviço, não somente a futuros biógrafos, mas principalmente à mocidade estudiosa, a quem apresento o exemplo de uma vida exclusivamente dedicada às lutas da inteligência, indico a direção do caminho, que leva à verdadeira glória.

Nascido em 30 de Junho de 1852, o Dr. Thomaz Pompeu começou os seus estudos de humanidades no **Ateneu Cearense**, em 1864. Logo em 1865, seguiu para o Rio de Janeiro, onde cursou preparatórios nos colégios jesuitico dos Padres Paiva, no Rio Comprido, e no de Monsenhor Reis (**Ateneu Fluminense**).

Em 1868, matriculou-se na **Academia do Recife**, concluindo o curso jurídico em 1872.

De volta à sua terra, neste mesmo ano começou a escrever para o jornal **Cearense**, do qual foi principal redator de 1874 a 1878.

Desde 1873 formara com Rocha Lima, João Capistrano, João Lopes, Xilderico de Faria, Dr. Melo, uma associação literária e científica, na qual cada sócio era obrigado a fazer, à noite, quando se reuniam, a exposição crítica das doutrinas do último livro, que lêra. Esta associação tornou-se célebre no Ceará: foi aí que se avigorou o espirito alevantado de Rocha Lima; foi aí que começou a atividade mental de Capistrano; e se todos estes, como muitos outros que daí partiram, valem muito, é sem dúvida ao Dr. Thomaz Pompeu, que cabe o maior quinhão de glória, pois foi êle verdadeiramente o pai espiritual de toda essa geração de pensadores. Rocha Lima, creio, o chamava nosso mestre, e é sempre possuído do mais profundo respeito que se mostra, sempre que a êle se refere. Tratando da lição com que foi por êle inaugurado o curso de História Universal na **Escola Popular**, que foi fundada para os padres operários, eis em que termos se exprime o jovem e brilhante autor do apreciado trabalho **Crítica e Literatura**: “Assistimos à primeira conferência do curso de História Universal, que inaugurou na **Escola Popular** o ilustre Dr. Pompeu Filho. Conhecido já nas lutas da imprensa, o orador saiu do silêncio do gabinete para a tribuna ruidosa do ensino popular, conservando a calma do pensador e a imparcialidade do apóstolo da verdade. O tentamen do ilustre orador é generoso e os resultados serão profícuos. Em nome de meus colegas e discípulos da **Escola Popular**, agradeço o impulso nobre e vigoroso que o batalhador das idéias livres imprimiu à nossa humilde emprêsa, tão guerreada pelos ateadores de insultos e calúnias”.

Em 1874 fundou com João Brígido e João Câmara o jornal maçônico — **Fraternidade Cearense**, no qual defendeu com a máxima independência de espirito as doutrinas mais avançadas em matéria religiosa e científica. Cristianismo, positivismo, evolucionismo, etc., foram um a um expostos e discutidos neste periódico.

Em 1875 apresentou-se ao concurso das cadeiras de português, geografia e história, no Liceu de Fortaleza, tendo sido colocado em primeiro lugar. Em 1876 apresentou-se novamente a concurso da cadeira de geografia, vaga pela morte do Dr. Francisco José de Souza. Ainda colocado em primeiro lugar, foi finalmente nomeado pelo Desembargador Faria Lemos, seu adversário político.

A propaganda jornalística sucedeu a da tribuna. Repetidas vezes subiu o Dr. Pompeu à cadeira de conferências da Escola Noturna para doutrinar sobre história, filosofia, política, etc.

Sua atividade literária foi grande neste período. Artigos filosóficos, de exegese religiosa, científicos, escreveu-os na **Fraternidade**; de polêmica partidária, no **Cearense**; de crítica literária e história, neste jornal e em pequenas revistas da época; contos e fantasias, em diversos jornais; cursos históricos, fê-los na Escola Noturna, de geografia e de história, no Liceu, etc..

Em 1877 escreveu, a pedido do Dr. Sabino do Monte, a parte do relatório do presidente Estelita, relativa à instrução pública.

Em 1878 escreveu também, a pedido do Conselheiro José Júlio, a parte do relatório deste referente à mesma matéria. A despeito do corte, que o artigo sofreu, na publicação, ainda constitue uma monografia extensa sobre o assunto.

De 1878 a 1886 foi eleito e reeleito deputado à Assembléia Geral Legislativa, na qual tomou a palavra sobre questões de finanças, de melhoramentos materiais para o Ceará, etc.. Na discussão do orçamento da agricultura em 1881 falou sobre imigração, crédito agrícola, colonização, por espaço de quatro horas e meia. O seu discurso, publicado nos anais do Parlamento, ocupou cerca de 50 páginas.

Em 1880 escreveu, a pedido de um amigo, sua tese de con-

curso para a cadeira da Escola Politécnica — **Da Estatística, sua origem e fundamento** — trabalho que foi publicado na Tip. Acadêmica da Rua 7 de Setembro, em 4.º grande, com 80 páginas. Rio de Janeiro.

No mesmo ano organizou com o professor José de Barcelos e João Brígido o regulamento da instrução pública, e fundou em Fortaleza, com João Lopes, Dr. Accioly e João Câmara, o jornal **Gazeta do Norte**.

Ainda no mesmo ano forneceu os dados e informações com que o Senador Leão Veloso escreveu o seu relatório.

Na **Gazeta do Norte** escreveu artigos sobre finanças, melhoramentos materiais do Ceará, política diária, etc., tendo sido talvez o primeiro no Brasil que ensaiou o conto ou romance naturalista numa série de estudos psicológicos que publicou neste período de 1882 a 1884.

Em 1885 escreveu, a pedido do Desembargador Barradas, uma extensa memória sobre o comércio e indústria no Ceará, a qual se acha apenas ao relatório do mesmo presidente (in folic de 90 páginas).

Em 1886 escreveu a longa **Memória sobre a população do Ceará**, inserta em dois números da Revista do Instituto do Ceará.

Nomeado em 1886 Diretor da Instrução Pública e logo em seguida 1.º Vice-Presidente da Província, entrou em exercício da administração, em Setembro do mesmo ano, apresentando, ao sair da administração, ao Governo Geral, uma extensa memória histórica sobre a assistência pública no Ceará em 1888 e 1889, em 4.º, com 160 páginas, além do relatório com que passou a administração ao Coronel Moraes Jardim. Ambos trabalhos inéditos.

Em 1891 publicou um longo estudo sobre a **Qualidade das Câmaras Legislativas**, e outro sobre **Fiscalização do ensino nos países cultos**.

Por este mesmo tempo começou a escrever as suas **Lições de Geografia Geral**, que vieram à luz em 1894. Esta última obra forma um volume de 650 páginas em tipo miudo. É um trabalho magistral e pondo de parte os defeitos da impressão que foi, segundo diz o autor, apenas um expediente de que lançou mão para passar limpo a sua obra, preparando assim a edição definitiva, é o que já se escreveu no País de mais completo sôbre o assunto e mesmo poder-se-á dizer, a melhor Geografia escrita em língua portuguesa.

No fim do mesmo ano e começo de 1893 escreveu a monografia — **O Ceará na Exposição de Chicago**, estudo da topografia, do clima, condições econômicas e morais do Estado do Ceará em 18892. Forma essa monografia um volume em 4.º, de 212 páginas em tipo miudo e é um trabalho de muito mérito, o mais completo que já foi publicado sôbre o Ceará em sua condições topográficas, climatéricas, econômicas e morais.

Em fins de 1893 e começo de 1894 escreveu o Dr. Thomaz Pompeu uma série de artigos sôbre — **As vantagens da irrigação por meio da barragem do boqueirão das Lavras no vale do Jaguaribe**. Alguns destes artigos foram transcritos no **Jornal do Comércio**, do Rio; no *South American*, em Londres, e traduzidos em flamengo.

Em fins de 1894 e começo de 1895 escreveu a **Memória sôbre saneamento da cidade de Fortaleza**, inédita e que poderá formar um volume de 200 páginas. Desta obra, diversos capítulos foram lidos nas sessões noturnas da **Academia Cearense**.

Em 1894 escreveu uma série de artigos sôbre questões econômicas e sôbre os benefícios colhidos pela irrigação na Índia e nos Estados Unidos da América do Norte, publicados no **Comércio**, do Ceará.

Além destas publicações, artigos de crítica literária e científica em revistas e jornais, desde 1874 até 1892, existem

por aí em quantidade, do infatigável escritor.

— (o) —

Eis aí o que verdadeiramente constitui uma vida exclusivamente dedicada aos trabalhos do espírito. Já não é pouca cousa em uma terra onde bem pouco numerosos são os que lêem e onde tão pouca importância se liga aos homens de ciência. Mas o que é mais admirável em Thomaz Pompeu é a sua correção científica, a elevação de seu ponto de vista, sua disciplina inflexível, tanto mais apreciável e digna, quanto é certo que vivemos em um país de indisciplinados.

Correto em tudo, parece que êle reflete na inteligência os hábitos da vida ordinária, trazendo sempre em ordem o inventário de suas idéias, do mesmo modo que, segundo me consta, traz sempre rigorosamente organizado o orçamento de sua receita e despêsa.

Se me fosse permitido afirmar qual seria a sua vocação particular, caso sempre fôsse dado ao homem colocar-se na sociedade em conformidade com as suas aptidões, eu diria: é um estadista, um homem de govêrno.

Com efeito, o Dr. Thomaz Pompeu alia a seus grandes dotes intelectuais a preciosa qualidade de uma vontade enérgica; e tal é a qualidade mais essencial aos homens, que governam. Depois, sua experiência é já longa das cousas da vida; êle sabe sempre resolver com prontidão as questões mais complicadas, aliando o mais alto grau de prudência a um caráter perfeitamente autônomo e verdadeiramente indomável. Entretanto, tolerante e benigno, êle, como todos os espíritos superiores, não é homem para preocupar-se com as pequenas cousas. Olha sempre de ponto de vista elevado para as questões, sem ver nos fatos mais que simples acidentes e nos indivíduos mais que méros instrumentos da evolução social. Faz, porém, do direito um culto; e quanto ao ato de não se preocupar com as pequenas cousas, abre uma exceção

em finanças, onde reconhece a verdade de que as grandes cousas resultam da soma das pequenas. Daí sua dupla opposição: por um lado contra tudo que é tendente, por parte do govêrno, a degenerar em violência contra os direitos do cidadão; e por outro lado, contra toda e qualquer medida, por parte dos políticos, que se incline a trazer como consequência o esbanjamento dos dinheiros públicos.

É o que se deduz de todos os seus trabalhos propriamente de caráter político, e neste sentido mostra-se êle sistemático até a violência; e por isto mesmo é bem provável que já tenha sofrido mais de uma injúria, sendo não poucos os inimigos que tem adquirido. Não obstante, perdôa com facilidade todas estas intolerâncias; é o primeiro a reconhecer o mérito, mesmo de seus mais exaltados desafetos; e nunca se mostra agressivo senão para com os intolerantes de cérebro estreito, que são incapazes de enxergar uma linha além da esfera asfixiante de seus preconceitos e ódios.

— (o) —

A predileção particular do Dr. Thomaz Pompeu é a ciência. Daí o predomínio da abstração em seus trabalhos, sendo que difficilmente tenta elevar-se ao domínio das cogitações intuitivas. É com fórmulas abstratas que êle joga; é dos principios adquiridos da ciência que êle procura fazer applicação às questões práticas.

É êle o que verdadeiramente se pode chamar um espirito positivo, um homem prático. É que cético em filosofia, pessimista em religião, o Dr. Thomaz Pompeu encontra na ciência o terreno próprio para sua atividade mental, ao abrigo das dúvidas mortificantes, que trazem o espirito moderno em estado de constantes vacilações. Reconhece que o mundo moderno atravessa uma crise angustiosa e terrível; e que grandes são as difficuldades presentes da civilização; mas se há para estas difficuldades algum remédio, êste só

pode ser encontrado na ciência mesma.

É um belo programa. Contudo, como era naturalmente inevitável a um espírito da fôrça do Dr. Thomaz Pompeu, acontece que êle nem sempre se mostra fiel a esse programa e há momentos em que decididamente ultrapassa os limites desta espera, que se traçou como regra de conduta e princípio de disciplina mental. E assim é não raramente que, mesmo quando desenvolve os seus programas científicos, algumas vêzes tende a filosofar. É debaixo desse ponto de vista que eu vou considerá-lo agora, para terminar esta ligeira apreciação.

Aquí, porém, não é cousa fácil chegar a uma dedução rigorosa. O Dr. Thomaz Pompeu não publicou sôbre o assunto uma obra sistemática, de modo a nos permitir formar um juízo seguro; tem apenas trabalhos esparsos, observações e notas acidentais feitas a propósito de questões, que visam objeto diverso, e por entre as quais difficilmente poderemos chegar à percepção de seu pensamento íntimo. Todavia, uma cousa é fora de toda a dúvida: é sua completa emancipação de todo e qualquer preconceito religioso. "Semelhante ao faquir, que nada reserva para si, mas ilude os desejos humanos com deslumbrantes visões, — diz êle, — é a meiga e modesta fé. Promete tudo em troco de migalhas, de um quasi nada — do não raciocinar". Daí a sua medíocre simpatia pelas inteligências, que repudiam a faculdade de pensar por esperarem lhes desça a verdade" em um raio de divina inspiração, na dôce indolência de espírito, característica da ignorância ou da fé". A isto chama ainda êle um produto da inércia, do medo de enfrentar resolutamente os problemas da vida, quando não sistemática obsessão intelectual. "Mas viver é o contrário disto; e na concorrência vital das inteligências primam as que são mais enérgicas e dispõem de noções mais completas sôbre a evolução do indivíduo e das socie-

dades”.

É no discurso com que fez o Dr. Thomaz Pompeu a sua entrada no “Instituto do Ceará” em 1889, que me fundo para externar estes conceitos. Este discurso é não somente importante debaixo de ponto de vista puramente literário, como é ao mesmo tempo uma profissão de fé religiosa e científica. Aí o paraíso é identificado ao nirvana, a fé combatida como expressão da indolência do espírito, a religião reduzida às proporções de um mero sonho de iluminados.

Vê-se, pois, que o problema das religiões é para o Dr. Thomaz Pompeu cousa liquidada. Ele já não está somente em dúvida, sustenta com energia e convicção a improcedência e inanidade de todas as religiões existentes. Mas se assim é, como deve ser compreendida a questão da organização social no futuro? Será de todo eliminado o elemento religioso ou será criada uma religião nova? Sobre este ponto não se decide o Dr. Thomaz Pompeu, nem mesmo parece que êle chegue a ter formulado esta questão. Mas em todo o caso, se procurarmos deduzir de suas tendências e predileções uma solução qualquer, ver-se-á que é sempre para a ciência que êle apela. São a ciência e o trabalho que, ao que parece, constituem, segundo o Dr. Thomaz Pompeu, as duas alavancas da sociedade, sendo que é por um lado das bibliotecas e por outro lado das oficinas que há-de sair o princípio da regeneração do futuro.

Outra idéia original do ilustre escritor é a que é por êle sustentada em relação à história.

“Não sou apologista, diz êle, do que entre nós se entende por história, nem compreendo que para o apresto ordinário da vida, para a luta, que incessantemente o homem trava para subsistir, lhe seja necessário vergar a memória ao peso de fatos mal delineados pelo afastamento em que estão do presente, e de medíocre importância para seu proce-

der ordinário.

“Que soma de utilidade recolhemos em saber de cór os nomes dos imperadores, tiranos, usurpadores, reis, etc., que dirigiram os povos antigos e modernos, se não podemos penetrar no modo de sentir, de pensar, de crêr, do viver moral e material de tais povos?

“Quais os documentos legados pelas eras mortas para reconstruir a alma dessa multidão anônima, que construiu as pirâmides do Egito, que cinzelou a rocha dos pagodes de Hayderabad e de Ellora, que traçou através da Europa as estradas marciais no tempo dos Cezares, que inundou a cidade média de templos góticos, e a moderna das gigantes-cas obras de engenharia?

“A história, tal como tem sido escrita, não passa de biografias, em torno das quais se agrupam acontecimentos políticos ou administrativos, de pouca relevância para o estudo da evolução dos povos.

“As tentativas em contrário feitas por Macaulay, Buckle, Richard Green, Curtius, Momsem, Montesquieu, Fustel de Coulanges, Taine e outros, mostram quão pouco se tem feito para aprofundar o conhecimento do sentir, pensar e obrar da humanidade através dos séculos.

“E quem sabe se uma reconstrução tão larga, tão viva do passado será possível com os fragmentos, que o tempo respeitou?

“E quando uma tal obra fosse erguida pelo esforço ciclópico de muitas gerações de pacientes investigadores, que resultados científicos compensariam tão ingente esforço?

“Valeria a pena penetrar mais no íntimo do que chamamos alma humana para marcar-lhe os estádios, prescrutar o genesis do conhecimento?

“E depois, quem sabe se a verdade não é triste, como insinúa o autor dos *Dialogues Philosophiques* ?

“Os estudos históricos valem menos para a higiene intelectual e bem dos povos do que a demografia, por exemplo, cujas revelações são verdadeiros ensinamentos para os Estados e para o individuo.

“A história é o passado mais ou menos longínquo, é a sensação que se transformou, a lembrança que se vai apagando da memória.

“A natureza que amortece a impressão e transmuda as sociedades, parece ter criado entre o homem atual e as eras mortas uma barreira invencível, forçando-o a pensar e a curar mais do presente e do futuro que de épocas distantes, perdidas no passado.

“Há muito que fazer para aperfeiçoar as armas de combate com que os lutadores de hoje disputam as migalhas da vida: não é ao passado longínquo que iremos pedir lições; é na observação e nas experiências dos nossos contemporâneos que precisamos aprender.

“As indagações estéreis ou simplesmente deleitáveis devem ceder precedência à ciência da vida e à do homem como ser social”.

Eis aí. Como se vê, o que prevalece sempre é o lado prático, o espírito positivo. Ao que se deduz das próprias palavras do Dr. Thomaz Pompeu, que devemos ter sempre em consideração na religião, na ciência, na filosofia, na história, em tudo, é antes de qualquer outra cousa, o interesse real da sociedade, as necessidades práticas da vida. Há talvez em tudo isto um éco das teorias de Bentham, modificadas pelos progressos introduzidos por ação dos novos utilitaristas ingleses. Como quer que seja, porém, não é da origem das cousas, nem tão pouco da simples investigação do passado nos limites da história propriamente dita, que devem ocupar-se os espíritos práticos.

Tudo isto, quando não seja inacessível o espírito huma-

no, pouco proveito trará para as lutas ordinarias da vida, sendo que o que verdadeiramente caracteriza a ciência é a sua analogia com os fatos; o que distingue da fantasia e do sonho é a sua conformação com a observação e experiência das causas, que se passam debaixo de nossos próprios olhos. Não é, pois, no passado que nos devemos inspirar, sendo que para que possamos almejar a vitória e bem orientados tenhamos de tomar parte nas lutas do espírito, o que devemos estudar é não a origem da vida, mas a vida mesma com todos os seus elementos e aspirações, com todas as suas complicações e necessidades.

Não entra em meu programa fazer a refutação das doutrinas do ilustre escritor, nem eu estou longe de concordar com êle quanto ao ponto de que aqui se trata; mas isto entendendo-se em termos as suas afirmações. A simples exposição dos acontecimentos ordinarios da história, sem procurar submetê-los a um sistema de leis que esclareça e uniformise, é sem dúvida um exercício inútil, que sobrecarrega a memória e nada poderá produzir de verdadeiramente eficaz. Mas para deduzir é indispensável conhecer fatos; e se é certo com efeito que para nos preparar para as lutas da vida, o que mais importa conhecer é o presente, é certo também que sem o conhecimento do passado não pode ser completo o conhecimento do presente, de modo a autorizar a dedução do futuro. O presente é como uma espécie de ponte imperceptivel colocada entre dois mundos; dessa ponte, por onde vão passando indefinidamente as gerações, que se sucedem, uns vivem olhando para o futuro, de onde procuram surpreender os segredos do ignoto, outros voltam-se para a passado, de onde se esforçam por arrancar as raizes da história.

Os videntes do futuro é que dão, sem dúvida, maior impulso ao progresso; mas são os investigadores do passado que mais trabalham pela ciência, sacrificando muitas vezes por ela

a própria vida. Nós mesmos, não obstante as porporções acanhadas de nosso meio, temos alguns dêsses trabalhadores incansáveis e abnegados.

O Dr. Guiherme Studart, por exemplo, medico illustre, dedica à investigação do passado cearense todas as fôrças de seu vigoroso espírito. É sabido que êle possui uma coleção enorme de documentos, sendo imensa a extensão da empresa que pretende realizar para renovação de nossa história, e diversos trabalhos já tem neste sentido publicado em que não menos admirável é a extensão dos conhecimentos, que revela, do que o estilo claro e algumas vezes brilhante com que sabe expôr o resultado de suas cogitações. João Perdigão, da Secretaria de Justiça, é outro incansável investigador, e o trabalho que já publicou na "Revista do Instituto do Ceará", sôbre os limites do Ceará com o Rio Grande do Norte, é uma obra de grande mérito, formando por si só um volume em 4.º, de 300 páginas. Não me consta, porém, que a imprensa de nossa terra tenha sequer dado notícia de seu trabalho. O Desembargador Paulino Nogueira, de quem um importante trabalho — **Execuções Capitais no Ceará**, foi, não há muito, publicado também na "Revista do Instituto", João Brígido, Antônio Bezerra, Theberge e outros, são homens que se esforçam por fazer reviver nosso passado.

Contra êstes, por certo, não se opõe o Dr. Thomaz Pompeu, que, aliás, é também conhecido por sua vasta ilustração em história. O que êle condena não é a história propriamente dita; mas unicamente o seguinte: quanto à questão das origens, a história fantasista e maravilhosa das teologias; e quanto à investigação do passado, a simples exposição desordenada de fatos sem importância, e a coordenação sistemática de documentos muitas vezes inúteis, tudo sem dedução das leis a que obedece a evolução das sociedades.

E em moral? É o que nos falta indagar. Aquí é ainda

para as necessidades da vida prática, que apela o Dr. Thomaz Pompeu. Parece que é na escola experimental que deve ser êle classificado, sendo que, acostando-se ao ponto de vista geral dos utilitaristas ingleses, em vez de adotar a conhecida idéia de Sócrates — filosofar é aprender a morrer —, penso, ao contrário, antes se inclina para o pensamento célebre de Spinoza — a sabedoria é o pensamento da vida, não da morte.